



Gaiato



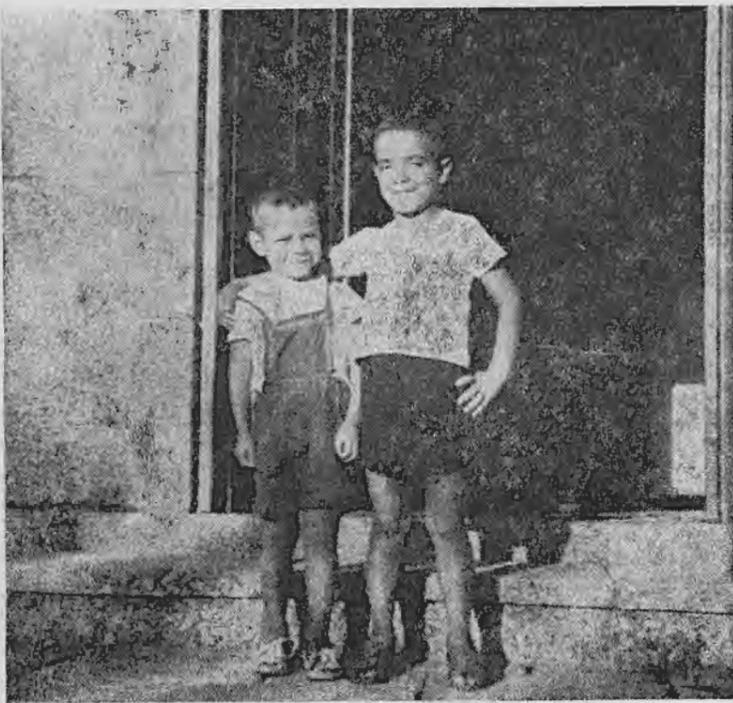
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

12 DE FEVEREIRO DE 1966
ANO XXII — N.º 572 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



JOÃO E CELSO, DOIS SIMPÁTICOS «BATATINHAS» DE PAÇO DE SOUSA

FESTAS

Foi como um acordar de pesado sono, a lembrança do Júlio: — «Olhe as Festas! Não se esqueça de escrever já para este número... Só temos mais dois!»

Eu esquecia-me mesmo. Parecem-me ainda tão próximas as do ano passado, que o saber da marcação do Coliseu para 17 de Março, nada adiantou. É um sinal claro de velhice: O passado começa a dizer-me mais do que o futuro!

Vamos, pois, ter encontro no Porto em 17 de Março. Não podemos ainda dizer das datas em Coimbra, Lisboa e Setúbal, que são, por excelência, as nossas cidades. Também ainda nada se pensou sobre outras saídas a terras onde a amizade dos seus habitantes nos chama àquele convívio simples e salutar que vai entrando nos hábitos deles e nossos.

Por isso este anúncio sai em via reduzida, mas com uma informação provável: A de que as outras Festas serão, quanto possível, dentro do mês que o Coliseu abre.

É que as Festas, sendo um número importante e muito querido na nossa vida, têm contudo o seu reverso. Querem ver?... Bernardino e João, dois oficiais tipográficos da primeira linha, praticamente estão em suspenso da oficina. Eles são os responsáveis pelas Festas do Coliseu e de todas as que forem promovidas pela Casa de Paço de Sousa. São os responsáveis totais. Para já, estão compondo o «poema» da revistazinha e preparando músicas, coreografia, guarda-roupa... Todo este esforço de concebimento é coisa importante e respeitável, que exige inspiração e não se faz com a regularidade de um trabalho manual. A inspiração nem sempre surge quando se quer; é preciso aguardá-la e predispor o espírito para que ela venha.

São pois dois tipógrafos com que se não conta durante esta primeira fase.

Depois, começam os ensaios. É um período mais folgado, a realização do que se concebeu. Mas os actores são muitos. Alguns rúdezitos para aprender. Quem vê a relativa perfeição com que têm saído as Festas nos últimos anos, não pensa, certamente, que aquilo caiu do céu... É, pois, tempo um bocadinho mais folgado para a imaginação criadora, mas pouco menos para o que não seja a Festa e mais desgastante da paciência dos ensaiadores.

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Areias do Cavaco

Estávamos entre palmeiras. Ali nos descobriu o Amigo, em mangas de camisa, quase ao fim da tarde de um destes dias quentes. O cenário era de trabalho. Os trolhas, os pedreiros, os carpinteiros, os serventes, todos à uma, levantavam paredes e pregavam madeiras. Ali, naquele lugar, o assunto da nossa conversa não podia ser outro que o das obras e rapazes.

— Se os homens ricos desta região quisessem... que bela oportunidade de aplicarem o que não lhes faz falta, nesta Obra de fomento humano, disse o Amigo.

Aproveitei a ocasião e falei-lhe da conversa que tive, na véspera, com um operário de uma grande empresa que me confidenciou, entusiasmado: andamos a estudar a maneira de ajudar eficiente-

mente a Casa do Gaiato. Todos nós, operários desta empresa, vamos cotizar-nos mensalmente, com o que pudermos e mande cá buscar.

E falei-lhe ainda de um encontro semelhante com operários de outra grande empresa: para já vamos começar com um dia de trabalho para a Casa do Gaiato e depois continuaremos.

E tinha razão aquele Amigo. Se os homens ricos de Benguela, Lobito, Catumbela e todos os que nos lêem quisessem fazer como este punhado de operários... muitas vidas resgatadas, tantos corpos ressuscitados, a justiça ficaria satisfeita.

Chegaram as máquinas para a oficina de carpintaria. Os caboucos estão abertos. Em breve, se Deus quiser, mais um centro de vida ficará instalado no lugar onde agora é capim. Palmo a palmo, a golpes de generosidade

Continua na TERCEIRA página

O "OBRA DA RUA"

Está na rua! Graças a Deus. É Cerqueira a colar capas. «Pinóquio» a embalar. «Zig-Zag», também. «Caixa d'Óculos» no fi-cheiro. E tudo a girar.

Já respiramos fundo. Pois o trabalho tem sido e continua a ser, se Deus quiser, aos montes.

Os pedidos continuam a chover de todos os lados; das grandes cidades e das pequeninas aldeias — onde há corações que pulsam connosco.

E o interesse vai

aumentar. Vai, sim senhor. Diz «Caixa d'Óculos» que, pelo fi-cheiro, ainda nem todos os assinantes da letra A receberam o livro. Estamos na fila um... Mas, querendo Deus, basta chegarmos a meio da expedição e será um caso sério. Porquê? A tarimba diz que basta ler e saborear meia dúzia de páginas de Pai Américo, seja no aconchego do lar ou na cadeira dum eléctrico ou auto-carro (quantos dos nossos

leitores — vergados ao peso da cruz da vida — se vêm na necessidade de «parar» só nas deslocações!) para o fogo incendiar amigos e vizinhos e colegas de trabalho; o mundo que gira à sua volta, sedento de Amor; Amor que é Paz e fruto da Graça.

«Caixa d'Óculos» ainda há pouco fez uma cara feia. O carteiro chegou, pousou a mala sobre a mesa e rapa de seis livros. Ele faz barulho quan-

do surgem devoluções! Achei por bem calar-me e, muito sossegado, dar uma vista d'olhos por anotações insertas nas embalagens. São mudanças d'endereços. E amigos que faleceram (Deus os tenha em Seu descanso). E só um com nota de recusado. O costume! «Caixa» pegou nos ditos, pousou-os no lugar e vai rectificar o que for de rectificar.

Os mais irrequietos façam o favor de esperar pela sua vez.

Para não criar confusões, e por amor à justiça, continuaremos a respeitar o alfabeto. O fim não tarda... E quem dera que, mesmo no fim, tivéssemos de meter mãos à obra para despachar outros tantos (A tiragem foi de 7.500 exemplares). Isso é convoseo. Preparem quantos vos rodeiam e nós cá estamos, de braços abertos, prontos a satisfazer todos os pedidos.

Júlio Mendes

Embora este artigo saia depois das quadras festivas, não quero deixar de desejar a todos que colaboraram comigo, no bem-fazer aos Pobres, os mais ardentes votos de prosperidade e bênçãos de Deus para o Novo Ano. Durante ele, procuremos ser mais generosos, à imitação dos Santos, como foi um S. Vicente de Paulo, abrigando as crianças abandonadas no frio e à fome, no desamparo e ao lesespero; um S. João de Deus, transportando nos seus braços, os loucos e os famintos, num verdadeiro amor de Deus e do próximo. Como eles, cuidemos mais e melhor dos Pobres que são nossos irmãos, embora menos favorecidos da sorte, mas que Deus pôs no nosso caminho, não para olharmos de alto para eles, mas sim, para nos aproximarmos deles com amor e carinho, como fez o Samaritano. Estou há 7 anos à frente desta Casa, e todo o bem que transmito àqueles que me rodeiam, de vós me vem, não só pela vossa ajuda material, mas as mais das



vêzes, pelas vossas palavras amigas e de encorajamento. Por isso se mais recebo, mais dou, se mais encomendas temos, mais gente me to a trabalhar. O que eu queria era ver pão e alegria em todos os lares. O ano que acabou, devido à vossa compreensão, as nossas tecedeiras não tiveram férias-forçadas. Espero que este, que ainda tem poucos dias de nascido, nos traga a mesma alegria no trabalho.

.....
Agora encomendas enviadas: Para a Póvoa de Varzim, chales e colchas no valor de 3.000\$. Oliveira de Azeméis, 3 chales; Nazaré, uma colcha; Lisboa, 7 camisolas e 2 capas; Castelo Branco, 2 aventais, 1 pijama, 2 camisas de dormir e um jogo de cama; Paço de Arcos, 2 chales; Murça, 2 capas, 3 sacas de guar-

danapos e 2 pegas. Dias depois, disse-nos: «Gostei muito de tudo. Não sabia que aí se trabalhava tão bem. Sempre que precise baterei à porta». E nós cá estaremos sempre ao dispor. De Guimarães, 108\$00; Oliveira do Mondego, fez-nos a encomenda de 1 capa, 1 camisola, 2 pegas grandes, 2 pequenas e de 2 chales, estes, a serem enviados aos Gaiatos, para agasalharem uma velhinha e um bebé do Barredo. Foi tudo entregue como se u desejo. Também já enviei tudo para o Calvário. Aquele Senhor de Lisboa pode continuar, bem como a Senhora de Inglaterra, a mandar as suas dádivas para este fim. Lisboa, 6 chales dos grandes, encomenda que se mantém há muitos anos pela ocasião do Natal. Carregado, 2 camisolas. Esta Senhora não espera pelo Natal, para a distribuição dos seus presentes; já-lo todos os meses, com a nota de 100\$ que nos manda em troca de qualquer peça conforme a necessidade a socorrer.

M. A.

O nosso Natal. A consuada era para ser na casa nova, mas não foi possível. Ainda não foi desta. E assim, pelo cair da tarde, depois de se ter feito o pagamento das geiras aos trabalhadores e lhes termos distribuído uma consoadinha feita com géneros que nos destes, a caminheta seguiu em direcção do Lar.

O Presépio já estava pronto e ficava muito bem naquele cantinho a lembrar-nos a grandeza da humildade de Jesus.

Esta festa é linda, só porque é de Ele. E o Presépio ao cantinho da sala lembrou-nos a todos, por certo, que devíamos ser como Ele.

Depois da ceia, a qual decorreu na maior ordem possível, sem deixar de haver alegria, alguns dos mais velhos foram levar umas rabanaditas ao Manuel Cardoso que se encontrava de prevenção. Depois seguiu-se a distribuição das prendas. Algumas delas foram arranjadas com a prata da casa e os mais pequeninos também tiveram os seus carrinhos, animais e pistolas. Brinquedos muito próprios para a sua idade os quais, um casal vizinho muito amigo nos ofereceu.

No dia vinte e cinco foi o baptizado da nossa bebé, que assim veio aumentar a alegria desta família gaiata em Malanje. Ela, a Sãozita, foi baptizada na nossa linda, porque simples, ca-

pela. E peço a Deus que ela venha a ter sempre o espírito de pobreza que é o que dá felicidade às almas.

.....
Dia da Obra. O dia do Santíssimo Nome de Jesus foi dia de festa. Naqueles dias mais próximos não faltou trabalho afim de que tudo corresse bem. E com a graça de Deus, assim aconteceu.

Houve comunhão geral e o almoço seguiu-se no refeitório novo.

Como não podia deixar de ser o cruzeiro foi benzido pelo nosso Bispo D. Pompeu e o Sr. Governador esteve mais uma vez presente, sempre muito simples e afável.

A Cruz de pedra picada, tendo como base uma rocha tal e qual saiu da pedreira, lá ficou no centro da aldeia a dizer-nos e a comunicar a toda a gente que é por ela que se chega a Ele. Sem cruz é-nos muito difícil chegar àquele que lhe deu a origem e a santificou.

.....
Os trabalhos na nossa Aldeia continuam a todo o passo. As dores de cabeça por via das obras da Casa-Mãe, estão a findar. O depósito está feito e a água já corre velozmente nos canos. O picheleiro anda já com a canalização para as escolas e de caminho deixa já também a via para a Capela, pois os Lourenços agora de passagem pela nossa aldeia, vão-nos alcatroar a avenida principal. Desde já agradeceremos do coração aos ditos empreiteiros tudo quanto vão fazer afim de embelezarem este cantinho de Malanje. E não só nós agradeceremos mas também todos quantos gostam de passar cá os domingos debaixo das árvores, junto da nossa linda lagoa — Rio do Culamuxito.

.....
Ao Sr. Governador do Distrito, também temos palavras de agradecimento pela promessa do donativo para este fim. Bem haja. E não só pelo que nos dá, mas principalmente pela maneira com que nos recebe e atende sempre.

Os alicerces dos anexos da Casa-Mãe estão já fora da terra. Ali vai ficar a padaria, onde se irá coser a farinha de milho e até de trigo, se ativermos. O pão vai saber muito melhor e a rapaziada talvez coma mais, pois que de certo nos ficará mais harato do que agora. Presentemente estamos a gastar quase dois mil escudos de pão por mês. E quando formos pelo menos cem rapazes? Dizei-nos, caros leitores se já não causa dores de cabeça só o problema do pão! E depois o resto!? Nós temos fé e Deus nunca nos faltou, mas não podemos cruzar os braços. Ele nunca falha mas nós temos que dar a nossa participação.

Ainda nos anexos da casa principal — a Casa-Mãe — temos também fora da terra os alicerces da lavandaria e a casa da lenha para alimentar o fogão que nos custou um rôr de contos.

.....
Guim e Zé são dois pequeninos de olhos muito vivos. São dois amores de criança. As suas barriguinhas um pouco grandes para as suas idades dizem do desleixo das mães, quando bebés. Como em todas as Casas do Gaiato, a rapaziada delirou com a vinda deles muito especialmente os mais pequenos. E é para nós, que estamos na Obra simplesmente por amor, uma alegria enorme vermos o tratamento e o carinho com que recebem os que vêm. Quando se lhes disse que a casa era deles, vi bem o espanto daqueles olhinhos radiantes, a sobressair do fundo da tez negra. Como Deus é perfeito na criação dos seus filhos! Todos, até aquelas pessoas deformadas, vistas com os olhos nEle, são belas. É que elas, como nós, têm uma alma à Sua imagem e semelhança.

O António José tem 8 anos e o Joaquim anda nos cinco, segundo anotações no cartão do Baptismo. Mesmo que já tenha os seis, ainda é muito pequenino. Vieram de Henrique de Carvalho e são orfãos, tanto paternalmente como maternalmente. Estes é que são dos nossos. Os nossos são aqueles que não têm ninguém no mundo e que aqui há-de encontrar através da sua vida o carinho indispensável e tanto mais perfeito quanto formos capazes. Às vezes custa e é necessário ter muita fé mas Deus compensa-nos com o Seu Amor.

.....
Gravador. Já temos um gravador. Foi um Senhor Capelão, conhecido do Sr. Padre Telmo, que no-lo deixou. Vai-nos fazer muito jeito para as nossas futuras festas. Já o experimentámos. Já ouvimos gravações dos nossos da Metrópole e o Sr. Padre Carlos agora já pode mandar as que quiser.

.....
Louças e frigorífico. Já há tempos os oficiais do Batalhão que ultimamente foi daqui de Malanje, também nos deixaram umas peças de louça muito jeitosa; ele pratos, ele talheres, ele pires e chávenas de café; ele galheteiros, copos, cálices e até um Sr. Capitão nos deixou um frigorífico a petróleo que nos veio animar muito por via de na casa nova não haver energia eléctrica. Quando bebermos uma pinga de água fresca é certo que os nossos pensamentos elevar-se-ão ao Céu em reconhecimento! Bem haja Sr. Capitão.

Ora estes donativos são de animar os nossos militares que acabam a sua comissão nesta cidade. Se não-de ir tão carregados para a Metrópole que é tão pequena para tantas coisas, podiam deixar-nos algumas coisitas para o recheio das nossas casas. Olhai que ainda há dias, um Furriel amigo nos deixou dois tachos muito bons.

— Que vou eu fazer para lá com eles? Graças a Deus tenho lá o suficiente para comprar o que precisar.

Fernando Dias

O Satélite, vestido de calções, muito jeitoso, aluno do quarto ano dos liceus, nas horas livres de aulas, anda pelas ruas de Coimbra, de casa em casa, a receber as cotas dos nossos subscritores. Tem dias que chega a casa desanimado com agora não pode ser ou vem cá outro dia ou respostas semelhantes. Satélite, com seus catorze anos, não compreende e vem triste.

A primeira lista de subscritores de Coimbra é dos primeiros tempos de Pai Américo e muito o ajudou nos seus princípios. Por 1948, Carlos Inácio, ao tempo estudante, actualizou e aumentou o número. Mais tarde, Carlos Manuel e Carlos Alberto, hoje ambos nossos professores, deram novo impulso e chegaram a um ponto de honra. De então para cá têm falecido, têm desistido, têm desaparecido e a nossa vida está a arder e as finanças a baixarem.

Satélite não tem muito jeito, nem muita genica para tal trabalho, mas estamos a estimulá-lo a lançar-se na nova campanha de angariar mais subscritores. Se ele bater à tua porta não a feches, nem te feches. Dá-lhe a mão e anima-o. Ele anda a procurar pão para

TRIBUNA de Coimbra

muitos irmãos que tem em casa e que são também da tua família. Procura tu falar a teus familiares, teus sócios, teus amigos; faz disto missão tua. Se Satélite não for à tua porta, levanta-te e vem à nossa procura.

.....
Os nossos rapazes do Lar de vez em quando refilam comigo por causa dos seus empregos que não prestam. Só quatro deles têm ordenados decentes e alguns não chegam a ganhar para a sola dos sapatos. Há patrões que têm o sentido da esmola, mas não o da justiça.

Os rapazes têm razão. Maior que a refilice deles é a minha mágoa. Raro é alguém oferecer-nos oportunidade de um trabalho com boas garantias para o futuro. Não pretende-

mos empregos chorudos, pois esses não são os normais, mas queremos modos de vida que deem certa tranquilidade financeira.

Os nossos rapazes são muito normais. Procuramos prepará-los o melhor que sabemos e podemos. Todos eles nos parecem equilibrados e frequentam o liceu, ou curso nocturno de comércio ou indústria. Têrão um dia o seu curso.

Não estendemos a mão a pedir compaixão, mas pedimos mãos amigas que nos ajudem, por amor, a lançar na vida estes, que em vez de estorvo, não-de ser valores sociais, homens responsáveis de amanhã.

Geralmente os patrões dos nossos rapazes não podem dizer melhor deles. Eu até temo que os estraguem com a confiança que alguns neles depositam.

Eis um modo autêntico de nos ajudar: patrões bons e empregos bons. Resultado: gaiatos, lixo de ontem, valores grandes de amanhã.

Padre Horácio





São tantos os doentes que não vamos buscar, mesmo sabendo deles! É a nossa capacidade tão limitada! É a ausência de presenças humanas disponíveis para o serviço dos outros. É certo que o Calvário é Obra de doentes, mas supõe algumas presenças válidas ainda que discretas. Ora, o serviço fraterno na Igreja, sobretudo quando ele é o cuidado dos mais pobres, é encarado frequentemente entre nós como coisa de ordem secundária. A confirmar temos a escassez de vocações leigas para este labor. Isto, de se dar a vida toda a um préstimo fraterno, custa. E, se esse serviço não retribui compensação natural (às vezes é a vaidade do hábito somente) mas exige acto de fé puro no valor do que nada vale (como o doente sem cura), então custa mais a doação. Mas a razão daquela escassez é outra. É que o egoísmo vira o homem sobre si mesmo. E raros deles se libertam para pensarem mais nos outros do que em si próprios. É um tipo agradável de escravatura. Se o homem dispusesse tão facilmente de si como o faz de seus bens!... Mas aquele desapareço custa mais.

Não é, pois, por falta de recursos materiais que não vamos em demanda de mais doentes. Não. Aqueles apresentam-se sempre consoante deles carecemos. Senão vejamos.

Arminda com 200\$00. Anónimo de Aveiro com 50\$00. Alentejana com 500\$00. Anónima da Rua das Papoilas com 100 todos os meses. E com outro tanto aqui estão Conchita, uma Maria de Portugal, mais outra Maria José, Maria Alzira, Madalena de Lisboa, Maria Augusta, alguém de Aveiro, de Ermezinde, um António e Maria escondida.

Há presenças muito nossas conhecidas. Pela pontualidade. Pelo amor. Pela discreção. É um senhor da Sociedade de Cristais, do Porto. É outro da C. Geral de Depósitos de Braga. É António Ramos, por alma de sua mãe — a quem muito quer, por certo! É um reformado dos S. T. C. P. É a mãe de sete filhos, dos lados da capital. É a «portuense qualquer» a dizer que vai tornar este ano. Mais a portuense Maria. É a doadora de sangue, da Foz. É a doente para doentes, com suas migalhas, tão saborosas, que eu provo todos os meses! É o avô que não esquece mais o seu terno neto. Vai em 5 anos e todos os meses aqui vêm ter 50\$00 a lembrar. É a mãe de Ociras, ainda com suas economias!

Da Gabela — Angola — 120\$. De Arreigada 50\$00. Migalhas de F. B. C.. Da Av. de Berne 220\$00. Também de Lisboa, Célia com 150\$00. Por alma dos avós, um neto com 50\$00.

Pecador, do Porto — onde não há pecadores? — com 3 contos e a dizer como os doentes daqui, na sua mudez e resignação, são testemunhas de acusação duma sociedade egoísta e materialista.

Anónima de Gaia com 20\$00. Com outro tanto, Emília. Maria com 50\$00. Luis com 490\$00. Zulmira com um pouco mais, 500\$00. Mãe paralytica com 20\$. É comunhão com os doentes.

Do Luso 200\$00. De Vila Fernando 50\$00. De Gaia, memória do filho falecido, 500\$00. Da Maria outro tanto. De Ajuda 50\$00. De Mafra 20\$00. Da R. João Villaret 50\$00. Da Golegã 330\$00. De Moselos 100\$00 para a senhora Laura. Muito veio para a nossa pobre. Mais 100\$. Mais mimos. De Benguela 40\$. De Riba d'Ave 200\$00. De V. N. de Famalicão metade. De Albergaria-a-Velha 500\$00. De Gaia mil. Da Costa Cabral 300\$. De Coimbra 20\$00. De Vila da Feira 50\$00. De Monsanto outra vez 20\$00. Da R. Fernandes Tomás 50\$00. Das Caldas da Rainha 30\$00. De Campo de Ourique 90\$00. De Castelo Branco uma carta cheia de fogo, pois diz que esta Obra é a sua grande paixão. De Paço d'Arcos 50\$00.

Mãe agradecida, está aqui. Maria com 500\$00, por alma do marido também. Fernando com 50\$00. Uma muito nossa amiga, com 200\$00. É do Porto. E onde é que nós não temos amigos? Assinante 16.102 com mil —

parte para a senhora Laura. Em sufrágio 550\$00.

É que lindo este dar! São 365 escudos, tantos quantos os dias do ano, «conseguidos ao longo do ano por meu marido» acompanhados pela alegria da esposa. Pecadora com 40\$00. Silva Reis com metade. Funcionários do I. Maternal e da Maternidade Alfredo da Costa, de Lisboa, vem com 1.325\$00, junto de sorteio e de recolha de tostões de portamonedas. Que cuidado e carinho no amar os outros!

Em sufrágio de casal muito novo 100\$00. Zé ninguém está aqui com mil. Regina com 50\$. C. A. com mil pelo marido. Maria Irene com 20\$00. Explicadora com 100\$00, pelo bem dos alunos! Ainda há quem não pense exclusivamente no escudo. Um primeiro ordenado do filho, 280\$00. Berta com 50\$00. M. Soares com 300\$00. Assinante 8953 com 200\$00.

De trabalho de crochet 100\$. Admiradora com 30\$00. Senhora idosa com 100\$00.

Engrácia diz que é pouco o que manda, mas que é do coração, e tem pena de não ser rica, mas talvez se o fosse não se lembrasse de nós. Assinante com 50\$00. Viúva com outro tanto.

Esposa pede as melhoras do marido. Entrega-nos 2.300\$00 para que a acompanhemos em seu desejo. José Júlio com 20\$. Dum mealheiro, 30\$00. No Lar do Porto, mil. Américo com 25\$00. Pecadora com 40\$00. Internada em Lar, no Porto, 70\$. Arnaldo com 100\$00. Maria Antonieta com 100\$00, em todos os meses. Jodinho, de Quelimane, com 300\$00. Maria Amélia com 450\$00. Celeste com 100\$00. Clara com 50\$00. A. H. pelo êxito no exame vem com 150\$00. Tereza com 100\$00. De A. P. outro tanto. Bernardino com igual soma. E Rosa Ramos também. Muito mais temos para dar notícia. Vai depois. O Senhor pague consoante o dar de cada um.

Padre Baptista

Setúbal

Ontem foi domingo. Procuramos que este dia seja o da família. Durante a semana, as horas estão sempre cheias e todos os rapazes ocupadíssimos. Às vezes ponho-me a pensar como eles aguentam. Deitam-se tarde; levantam-se cedo. São oito horas de trabalho. É uma de estudo. São três de aulas. Todos os dias muitos adormecem às 11 horas e meia e às sete todos estão a pé. A vida é cheia!... Durante a semana é impossível o encontro de todos! Ao domingo juntamos-nos. É à mesa. É na Capela. A família junta-se. Encontra-se!

O domingo é sempre um dia de grande balbúrdia! Somos muitos e naturalmente temos de fazer reboliço, mas o domingo é saboroso!...

Eu costumo celebrar com Eles e por Eles. Parece-me sentir o peso de todos na patena que levanto ao Senhor!... Os problemas de cada um!... A tristeza de cada um!... A alegria e a satisfação de todos! Os dramas íntimos que se reflectem em determinados períodos da sua vida!... É uma patena pesada a da Missa!...

Às vezes dois ou três dominam-me o espírito e eu não me consigo dar aos outros!... Se eles compreendessem, por vezes, como sangro!... Eles não entendem!... Eles não têm culpa!... Mas não há outro remédio senão sangrar e esperar!... Esperar!...

Ontem tive na Missa um Cireneu. Foi o Zezito que se adiantou do grupo dos mais pequenos

e veio para junto de mim após a consagração! Eu lembrava e vivia a Paixão do Senhor!... «Lembrados Senhor da Vossa Paixão»!... A Missa é tantas vezes para mim uma Paixão!... E às vezes tão dolorosa... Mas ontem não foi tanto. O Zezito tem cinco anos!... É uma criança loira de um encanto surpreendente!... Chegou junto do altar pôs as mãos sobre o corporal e ficou ali ao pé do Senhor. Olhos fixos nas particularidades. Alma presa ao cálice!... Parecia-me ver o Senhor a rir e a chorar... Era a Paixão e a Ressurreição. O coração de Cristo a palpitar: «deixai vir a mim as criancinhas!... delas é o Reino dos Céus»!... A Paixão leva-nos ao Reino dos Céus, deste mundo de miséria de que eu faço e tomo parte!... Momentos antes balbuciara: «lavarei, Senhor as minhas mãos entre os inocentes». No meio deles sinto a minha alma mais leve!...

O Zezito fazia-me viver a inocência de todos os outros!... Inocência que o mundo maculou, mas inocência a pouco e pouco ressuscitada pela Paixão do Cristo que passa!...

Depois das 21 horas foi a reunião de chefes!

Determinámos reunir-nos todas as semanas. Nem sempre temos sido fieis. A reunião de chefes é indispensável em nossas casas para que tudo corra bem. Apoiamo-nos uns aos outros. Quantas vezes eu entro desanimado e volto cheio de coragem. São Eles! Eles que pensam. Eles que sofrem! Eles que sabem ver e apreciar!... Eles que tomam resoluções!

Dois assuntos de importância nos prenderam durante quase três horas!

A Reunião Geral dos Chefes de todas as Casas do Gaia-to da Metrópole que este ano se realiza na nossa Casa. Os Rapazes querem estar a postos! Querem receber bem os irmãos das outras Casas, querem criar um ambiente determinante de boa camaradagem! Achei ótimo!

Outro, e este, mais apaixonante: A decisão de: — se devia ser ou não recebido, outra vez, o Freitas!

O Freitas fugira, pela terceira vez, e, pela terceira vez voltara. O último tribunal que o aceitou decidiu enviá-lo para a Tutoria se ele tornasse a fugir... E ele tornou... e... passados oito dias regressou!... E agora?!...

Padre Manuel | Continua na QUARTA página

Areias do Cavaco

sem limites, devagarinho mas com segurança, se vai semeando vida que a seu tempo dará frutos. O trabalho de carpintaria para a nossa Aldeia será executado nas novas oficinas com a colaboração dos nossos rapazes.

Iniciamos também a oficina de serralharia. O João de Setúbal foi um presente que o Pai do Céu nos mandou. Era serralheiro nas nossas oficinas de Paço de Sousa.

Veio para Angola cumprir seus deveres militares e decidiu ficar. Tem colocação garantida. Antes, porém, de ir ocupar na empresa o lugar que lhe é destinado, quis fazer por suas mãos o trabalho de ferreiro, de serralheiro e soldador, para as nossas obras. Montámos oficina. Adquirimos

Cont. da PRIMEIRA página

algumas máquinas. Dois rapazes, no momento, aprendem junto dele, a arte de serralheiro. Não temos torno ainda, nem lixador, nem furadora fixa.

Quem nos ajuda?

Recebemos: 1.000\$00 do pai do Jaime e Formiga; mais 300\$ de anónimo. Latas de azeite e Boas Festas de Natal e Ano Novo; mais 150\$ «e que o Ano Novo vos tragu tudo quanto desejais e agradecendo duas graças recebidas»; 300 da Shell e o tambor habitual de gasolina; mais 100; mais outro tanto do Lobito; uma peça de cáqui e desejos de Boas Festas de L. e G.; 500\$00

da Catumbela; mais duas latas de goiabada e duas de chouriço; amostras lindas de panos, do Lobito; 500\$00 de A. C.; várias consoadas de pessoas amigas e 100\$00 e outros 100, para ajuda da ceia do Natal; 1.000\$00 + 500\$ + 100\$: 20 do Cubal; Casal amigo com 100 + 100 + 125; 300 + 200, do Lobito; Catumbela com 100; a Mobil veio com 250\$ e um pobre casal com igual quantia; bacalhau, azeite, marmelada, 500\$ + 1.000\$, de pessoas amigas.



Lar Operário em LAMEGO

A hora é de agradecimento. Em primeiro lugar temos de louvar o Senhor pela bondade com que nos tratou. Cada pensamento, cada palavra, cada acção; as resoluções tomadas, os números do programa da (mais que simples) inauguração; as pessoas que vieram, as que telefonaram ou que escreveram, ou mesmo as que faltaram; os pedidos para receber rapazes, os offícios que lhes escolheram, etc., tudo parece que foi calculado e medido, tão bem as coisas correram. Sabemos as forças que temos e por isso tudo queremos atribuir ao Senhor e testemunhar-lhe a nossa gratidão. Em seguida vai o nosso reconhecimento para todos os que nos ajudaram à preparação do Lar. Não sabemos que mais agradecer: se as ofertas em dinheiro ou géneros, se as palavras de alento e coragem que nos dirigiam. Tudo foi preciso e de tudo continuamos à espera.

Não era fácil — e julgamos mesmo ser melhor — não citar nomes, terras ou instituições que viveram connosco o desejo de abrir uma casa em Lamego, para receber rapazes sem recursos que desejem aprender uma arte.

O Pai do Céu, a seu tempo, dará a conveniente recompensa. Não pudemos dispensar os elementos humanos que estão à nossa disposição por vontade

do Senhor, mas é para Ele que deve dirigir-se toda a nossa confiança. Aqui está a razão da resposta que damos aos que nos perguntam como vamos fazer para a sustentação do Lar. Quem nos pegou pela mão e nos trouxe até este ponto, está no mesmo lugar e tem os mesmos poderes, para nos levar por diante.

O momento é ainda de festa e por isso não chegaram até agora os reversos de medalha, que esperamos a toda a hora. Seria mesmo para desconfiar do futuro do Lar se não viessem as horas difíceis. Contamos com elas, mas contamos também com a presença do Senhor e o amparo do nossos irmãos.

Para alegria dos que nos amam digamos agora alguma coisa dos nossos rapazes. Estão aqui de Armamar, de Resende, de S. João da Pesqueira, de Castro Daire e de Lamego.

Não foi difícil arranjar oficinas para cada um aprender o que desejava. Em Lamego há gente muito boa e apesar do meio ser pequeno ainda nos faltam rapazes para atender aos pedidos dos mestres. Quando há boa vontade e compreensão, parece que até os homens são capazes de fazer milagres e transformar as migalhas da mesa, dando-lhe o sabor de abundante refeição.

Oxalá que os rapazes aibam corresponder à estima que a

cidade lhes está a dispensar. A minha maior aflição são os deslises que eles possam ter e o desgosto que possam causar a quem os recebeu dentro das suas oficinas. Nessa hora difícil iremos por eles, pedir desculpa e sujeitarmo-nos resignadamente aos castigos merecidos. Estão rapazes em sapatarias e barbearias; temos um a aprender a marceneiro, outro a serralheiro mecânico e outro numa garagem. Um está numa Tipografia e outro vai ser recebido como família por um relojoeiro que deseja ensinar-lhe o que sabe.

E por hoje mais nada a não ser o pedido duma máquina de costura que é tão precisa em todos os lares.

Padre Duarte

Visado pela
Comissão de Censura

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

Aqui têm, pois, os nossos leitores e próximos espectadores uma espreitadela que vos proporcione nos bastidores da Festa. É certo que ela depois resultará sempre bem, pelo amor que os rapazes lhe puseram e pelo amor com que os espectadores se sentam nos seus lugares. O que é feio aos olhos de quem ama?! As nossas Festas são ocasião, como poucas, de os rapazes revelarem a sua iniciativa e o seu brio. Por isso tanto lhes quero! Mas queria que esta lição de iniciativa e de brio perdurasse quando o pano fecha, os aplausos se calam,

as luzes se apagam e nós regressamos aos nossos postos de trabalho, onde gastamos a nossa vida na roda do ano e onde nos havemos, principalmente, de fazer homens empreendedores e briosos.

Por isso, que tanto queremos às Festas, também queremos que elas nos não ocupem muito para além do mês que começa em 17 de Março.

Desta sorte, os amigos das outras terras aonde temos ido, e a algumas das quais iremos, se Deus quiser, vão dispondo o seu programa de vida e já sabem que na 2.ª metade de Março e na 1.ª de Abril, é muito possível uma visita dos nossos Rapazes.

Aqui, LISBOA

CHAMAM-LHE «Sardinhas», talvez por haver já um «Carapau» quando veio para esta Casa, com 7 anos de idade, vai para um lustro. Abandonado pelos pais, nunca demos conta que alguém o visitasse ou se interessasse por ele. O desenvolvimento físico e psíquico faz prever, na sua debilidade, horas amargas de provação. A sua sensibilidade às carícias e ternuras atesta-nos, para lá de uma reacção normal nas crianças da sua idade, a ausência dos mais elementares carinhos a que teria direito como simples ser humano, se é que não foi tratado duramente. Eis, em traços largos, o nosso António Manuel.

Os anos irão passando, na sua caminhada irreversível, três, quatro, porventura mais. Quando surgir a hora do despartar para a vida, pelos 15, 16 ou 17 anos, senão antes, sobretudo se houver possibilidades de visível valorização humana e profissional, convertível em dinheiro ou noutra espécie de lucro, real ou aparente, não nas espanta que apareçam então os «salvadores», «amigos» ou «família» com os cantares do costume, porventura reivindicando «direitos» de sangue ou de outra qualquer natureza. E depois? E depois, como tantas vezes, a exploração, a desgraça, o regresso a situações dolorosas que, com alma e coração, alguns, por graça de Deus, se empenham em combater, mobilizando energias espirituais e materiais, suas e alheias. E que fazemos e dizemos nós? Instalados, nutridos e por consequência em quietude, diremos — se é que chegaremos a dizer — enfaticamente: coitados! A terra continuará inexorável no seu movimento de rotação e deslocando-se em torno do Sol e nós seremos ou continuaremos a ser membros duma «sociedade cristã». Bonito, reconfortante e progressivo, física e moralmente!

Não é a primeira vez que debatemos este assunto nestas colunas, aliás no seguimento de outros sem autoridade para o fazer. Não será a última, se Deus nos der vida e saúde. Mas é caso para perguntar quando teremos legislação capaz, justa e equilibrada, que vele pelos autênticos direitos dos «sem pais» ou abandonados, doa a quem doer, e que não deixe desbaratar os esforços feitos, tantas vezes por holocausto lento da própria vida, para lá dos bens materiais gastos, em que, embora no dizer geral, «umas boas pessoas» se vão empenhando? O Catolicismo Técnico, abstracto, sem incarnação na vida e nas estruturas sociais, será excelente como especulação, não há dúvida. Mas, «aí do conhecimento estéril que não leva ao amor», como alguém um dia exclamou. Será a morte, em catastrófica devorada.

FALAMOS aqui do «Batatinha» e do seu desejo de receber correspondência. Mal prevíamos o resultado: dezenas e dezenas de cartas vindas de toda a parte, para ele ou para nós. Um autêntico mar de correio, de novas e velhas, de ambos sexos e de todas as condições sociais. Duas conclusões tiramos: A primeira é que «O Gaiato» é lido; a segunda refere-se à existência de notas positivas de solidariedade e de amor, que há-de amparar e desenvolver, quando parece chegada a hora apocalíptica da confusão e subversão de valores. O «Batatinha» ficou contente e nós damos graças a Deus por tão maravilhoso espectáculo. Mas, o António, assim se chama o nosso «Batatinha», apesar dos seus 9 anos não sabe escrever... É que chegou tarde à escola e uma deformidade na cabeça, felizmente sanada, o atrazou no

desenvolvimento. De forma que: ou nos tornamos secretários do «Batatinha», ou lhe arranjamos um escrivo, o que é difícil... Que nos desculpem, se não fossem as consolações acima expressas, quase nos arrependíamos ter escrito o que escrevemos! Bem hajam os Amigos que se nos dirigiram e louvado seja o Senhor por ter permitido tantas provas de amor.

Padre Luiz



Cont. da TERCEIRA página

Antes de tribunal a «magna assembleia» dos chefes devia dar o seu parecer.

Debruçamo-nos sobre o Freitas enquanto ele esperava fora de Casa a decisão.

O Freitas nunca soube quem era o Pai. A Mãe teve muitos filhos; um de cada. Abandonou-o aos dois anos e a criança correu mundo!... Andou por creches e asilos e veio-nos parar às mãos aos 13 anos.

Nós estamos fartos de rapazes vindos de asilos e orfana-

tos! Eles não têm ninguém!... Em vez de se construírem destroem-se.

Foi assim com o Freitas!... Outro dia em conversa íntima com ele vim a conhecer tanta mazela!...

Como hão-de eles ser equilibrados!... Como não nos hão-de eles moer a cabeça!...

O Freitas foi chamado três vezes à reunião para prestar declarações!...

Pesadas todas as circunstâncias prevaleceu a opinião de se dar ao Freitas mais uma ocasião, sujeitando-o a um castigo rigoroso!

A parábola do filho pródigo repete-se materialmente tantas vezes connosco!... Como pulsamos de amor! Sem lhes podermos abrir os braços por via dos outros! Mas o nosso coração abre-se e isso é o que interessa!... Estou convencido de que o Freitas nunca mais foge!...

Padre Acílio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

UM PEDIDO

Os fanfarrões de Benguela escrevem cartas e mais cartas, cheios de peneiras, por terem instrumentos necessários para formar um conjunto musical, visto ser esta a doença da moda. Nós porém, não estamos doentes, mas sim vexados! Vexados e com certa razão. Agora podemos dizer: «Uns comem os figos...» Pois a nós rebentamos a boca. Lembrem-se certamente de um quadrado que veio no «Gaiato» com o já tradicional título: PEDIDO. Desta vez, era uma bateria. Porém, ela foi pedida pelos de Paço de Sousa, e quem na goza são os tais meninos já referidos. Ora é evidente que a malta de Paço de Sousa, que tem uma série de espectáculos para fazer, não está nada contente.

Quem nos adoça o bico?

João da Rocha